

# São João Crisóstomo e São Gregório Magno: uma fonte de inspiração para a vida pastoral

*St. Jhon Chrysostom and St. Gregory the Great:  
a source of inspiration for the pastoral life*

*Maria Rodica Tutas (Irmã Angela)*

## Resumo

A pesquisa tem como objetivo apresentar a riqueza do cristianismo conservada na Tradição escrita como tesouro da Igreja. O texto se divide em três partes. A primeira parte apresenta a Patrística como fonte de inspiração para a vida da Igreja. A segunda parte oferece um estudo comparativo sobre a figura dos dois Padres da Igreja: São João Crisóstomo e São Gregório Magno, representantes, um do Oriente e outro do Ocidente. Procura-se apresentar a *Regra pastoral* de Gregório Magno e *O Sacerdócio* de João Crisóstomo como uma fonte de inspiração para os candidatos à vida presbiteral. São apresentados: o contexto e os desafios; a experiência de vida monástica e a fuga diante da dignidade episcopal. A terceira parte apresenta reflexões que podem oferecer novas luzes e inspirações para o exercício do ministério pastoral hoje. Destacam-se a mentalidade mundana, as absurdidades nas eleições e os requisitos para a eleição de um pastor de almas. Conclui-se com particular atenção sobre a beleza e a grandeza do ministério presbiteral de assumir o governo das almas.

**Palavras-chave:** Candidato. Presbítero. Sacerdócio. Vida pastoral.

## Abstract

The research aims to present the wealth of conserved Christianity in written Tradition as the Church's treasure. The text is divided in three parts. The first part presents the Patristic as a source of inspiration for church life. The second part offers a comparative study of two priests: St. John Chrysostom and St. Gregory Magno, one eastern and one western. Looking to present St. Gregory's pastoral letter and St. John's priesthood as a source of inspiration for all candidates of Presbyterian life. Presenting: the context and the challenges; monastic life experience and the flight facing Episcopal dignity. The third part presents reflections that can offer new lights and inspirations for the exercise of today's pastoral ministry. Highlighting the mundane mentality, the absurdities of elections and the requirements for the election of a soul's Pastor. In conclusion, with particular attention on the beauty and the greatness of the Presbyterian Ministry to take charge of the soul government.

**Keywords:** Candidate. Presbyterian. Priesthood. Pastoral life.

## Introdução

Não é comum uma mulher mergulhar no conhecimento da essência da alma sacerdotal e se debruçar sobre tratados que falam da vida presbiteral e pastoral. Esta foi a observação do Professor Fyrigos Antônio (segundo orientador) na defesa da tese doutoral com o tema *Il ministero pastorale nel De Sacerdotio di Giovanni Crisóstomo e nel Liber regulae pastoralis di Gregorio Magno: un contributo per il contesto del Brasile* defendida no Pontificio Instituto Oriental de Roma em 2010.

Entretanto, a escolha desse tema teve como motivação a sensibilidade despertada durante o trabalho no campo de formação espiritual como missionária além fronteiras, aqui no Brasil. Trabalhar na direção espiritual é sempre um grande desafio para a Igreja. Por isso, a importância de maior conhecimento e aprofundamento do patrimônio espiritual das duas tradições da Igreja: Oriental e Ocidental. A direção espiritual, que exige um maior conhecimento e aprofundamento do patrimônio espiritual dos Padres da Igreja, e a formação presbiteral oferecem dois pilares para o êxito da nova evangelização.

Santa Teresa de Ávila destaca a importância das pessoas que trabalham na direção espiritual, com competência e profundo conhecimento da doutrina

dos Padres. Diz ela: “sempre procurei confessores instruídos, porque os que só eram meio instruídos deram um grande prejuízo à minha alma” (TERESA DE JESUS, Livro da Vida, V). Sua convicção em relação à direção espiritual e ao conhecimento da doutrina dos Padres é muito atual para o trabalho missionário e de evangelização na nossa Igreja: “esse confessor deve ser instruído, e devemos obedecer a ele” (TERESA DE JESUS, *Livro da vida*, 26,3).

Hoje, a atualidade dos Padres da Igreja como São João Crisóstomo e Gregório Magno desperta grande interesse. Eles são testemunhas de uma experiência de fé, uma história viva que ainda nos diz respeito e que às vezes vem ao encontro do que nós mesmos vivenciamos como cristãos. Suas obras e, sobretudo, seus testemunhos, tornam-se uma fonte de graça para aqueles que os conhecem e os seguem.<sup>1</sup>

No pensamento de Crisóstomo e de Gregório há uma riqueza incomensurável e uma capacidade original de inculturação que hoje permite:

Compreender “melhor segundo que critérios a fé, tendo em conta a filosofia e o saber dos povos, pode encontrar-se com a razão” (AG, 32). Com efeito, eles receberam da Escritura e da Tradição a consciência clara da originalidade cristã, isto é, a firme convicção de que o ensino cristão contém um núcleo essencial de verdades reveladas, que constituem a norma para avaliar a sabedoria humana e para distinguir a verdade do erro.<sup>2</sup>

Percebe-se a importância da norma da fé transmitida pelos Padres: “Nas suas atitudes de teólogos e de pastores manifestava-se em grau altíssimo o sentido do mistério e a experiência do divino, que os protegia contra as tentações frequentes quer do racionalismo demasiado avançado quer de um fideísmo estéril e resignado”.<sup>3</sup>

É graças ao conhecimento do patrimônio espiritual dos Padres da Igreja, que o Magistério encontra segurança em transmitir a doutrina de fé:

<sup>1</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O estudo dos padres da Igreja na formação sacerdotal*, DP 234, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 9: “Os Padres portanto demonstram ainda hoje a sua vitalidade e têm muitas coisas a dizer a quem estuda ou ensina teologia. É por isso a CEC (Congregação da Educação Católica) se dirige aos responsáveis da formação sacerdotal para propor-lhes algumas reflexões úteis sobre a situação atual dos estudos patrísticos (I), sobre as mais profundas motivações (II), sobre os seus métodos (III), sobre a sua programação concreta (IV)”.

<sup>2</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O estudo...*, p. 27.

<sup>3</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O estudo...*, p. 32.

Instruída pelos Padres gregos, latinos, siríacos... a Igreja, com efeito, “desde os inícios da sua história, aprendeu a exprimir a mensagem de Cristo recorrendo aos conceitos e às línguas dos diversos povos: e esforçou-se além disso por ilustrá-la mediante a sabedoria dos filósofos, isto é, com o objetivo de adaptar, quando convinha, o Evangelho quer à capacidade de todos quer às exigências dos sábios”.<sup>4</sup>

A atualidade dos Padres motiva a todos na busca de novos métodos de evangelização e de transmissão dos valores universais da revelação, testemunhando o encontro fecundo entre a fé e a cultura, entre a fé e a razão. Eles continuam como “guias para a Igreja de todos os tempos, empenhada em pregar o Evangelho a homens de culturas tão diversas e a agir no meio deles.”<sup>5</sup>

Hoje, a arte da pregação é desafiada a ser readequada cultivando a fidelidade ao tesouro espiritual dos Padres da Igreja, em sintonia com o Magistério da Igreja para responder aos desafios do mundo contemporâneo.

As obras que serão levadas em consideração e propostas para a reflexão neste artigo são: “Sobre o Sacerdócio” de São João Crisóstomo e a “Regra pastoral” de São Gregório Magno. Sem a pretensão de expor toda a riqueza destes escritos, tenta-se apresentar alguns elementos que podem constituir uma fonte de inspiração para a renovação da vida pastoral hoje.

O texto se divide em três partes: Patrística como uma fonte de inspiração para a vida da Igreja; Oriente e Ocidente unidos na figura dos grandes pastores São João Crisóstomo e São Gregório Magno; Luzes e inspirações para o ministério pastoral, hoje.

## 1. Crisóstomo e Gregório, modelos para a vida sacerdotal

Para a compreensão da importância da Patrística como fonte de inspiração para a missão evangelizadora da Igreja num contexto de aceleradas mudanças em que vivemos nos tempos atuais, faz-se necessário considerar a apreciação do Dom Orani João Tempesta quando ressalta a figura do grande patriarca de Constantinopla:

São João Crisóstomo foi um personagem interessantíssimo na capacidade que teve, certamente inspirada pelo Espírito que lhe conferiu as missões

<sup>4</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O estudo...*, p. 28-29.

<sup>5</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O estudo...*, p. 29.

que desempenhou, de unir características nem sempre comuns em uma mesma pessoa. Foi grande teólogo e, ao mesmo tempo zeloso pastor, tinha índole monástica habituada ao silêncio e “boca de ouro” de fervoroso pregador. E até no testemunho que deixou para a posteridade conseguiu unir o Oriente ao Ocidente cristão, sendo unanimemente reconhecido como santo e doutor<sup>6</sup>.

Na figura de Crisóstomo o Cardeal Dom Orani encontra um referencial seguro para o percurso da Igreja hoje:

O movimento de volta às fontes da espiritualidade e da vida pastoral da Igreja, inaugurado pelo Concílio Vaticano II, continua a se propagar ao longo destes 50 anos que nos separam do maior evento eclesial do século XX. Neste contexto, o retorno ao pensamento dos antigos Padres é referencial seguro para o percurso da Barca de Pedro, que já adentra mais de uma década do novo século, rumo a águas mais profundas.

A reflexão [...] sobre o pensamento de São João Crisóstomo a respeito do sacerdócio insere-se, assim, na concretização dos ideais do Concílio e traz aos sacerdotes de hoje o testemunho edificante de um grande santo, personagem de tempos tão heroicos quanto os nossos, em que nossa fé é diariamente questionada e posta à prova<sup>7</sup>.

*O Sacerdócio de São João Crisóstomo – Uma luz para a vida presbiteral*<sup>8</sup> visa compreender hoje a grandeza de João Crisóstomo no seu ambiente e apresentar seu pensamento destacando os assuntos que iluminam o ministério pastoral. A pesquisa se baseia no famoso tratado *Sobre o Sacerdócio* de Crisóstomo situando a figura do grande pastor no seu mundo oriental, sua época, seu contexto histórico, cultural e religioso, que foi marcado por profundas transformações.

Na personalidade do grande orador “Boca de Ouro” emerge sua formação cultural e religiosa, a sua experiência monástica, a sua amizade com certo Basílio e a sua fuga diante da honra do sacerdócio. Preciosas são as informações sobre o ambiente eclesial e a posição de Crisóstomo ante a eminência de aceitar um cargo episcopal. Ricas são as considerações sobre o ministério

<sup>6</sup> TUTAS, M. R. *O Sacerdócio de São João Crisóstomo – Uma luz para a vida presbiteral*. Belém: Paka-Tatu, 2014, p. 9.

<sup>7</sup> TUTAS, M. R. *O Sacerdócio...*, p. 9.

<sup>8</sup> TUTAS, M. R. *O Sacerdócio...*, p. 9.

sacerdotal e os requisitos do candidato ao ministério presbiteral, assim como sobre a grandeza do sacerdócio e o ministério pastoral na Igreja.

O Cardeal Tempesta observa o quanto o livro pode servir de inspiração na atuação do presbítero na sua missão hoje<sup>9</sup>. A formação dos candidatos ao sacerdócio é um desafio difícil de se enfrentar e é o objeto específico do livro, apresentando as exigências para assumir o ministério presbiteral.

O fascinante testemunho de João Crisóstomo, considerado “o maior pregador cristão da história”<sup>10</sup>, como grande pastor e orador desperta a convicção de que, hoje, voltar aos Padres da Igreja, significa encontrar novas luzes e inspiração na atuação da desafiante missão que os presbíteros desempenham no mundo inteiro como realização do projeto da vida sacerdotal que a eles foi confiada através da Ordem sacra.

Conhecido como padroeiro dos palestrantes e pregadores, Crisóstomo é venerado também como padroeiro na educação e invocado na cura de epilepsia.

## **2. Oriente e Ocidente unidos na figura dos grandes pastores: São João Crisóstomo e São Gregório Magno**

### **2.1. Contexto histórico: desafios a serem enfrentados**

São João Crisóstomo nasceu em Antioquia sobre o rio Orontes, na província de Síria, por volta de 345 ou 349. Viveu no quarto século numa época de grandes transformações e desafios para a Igreja. Ao assumir o patriarcado de Constantinopla, ele denuncia os abusos insinuados na vida de alguns clérigos cujas atitudes não condizem com o ideal do sacerdócio. Trata-se da convivência com mulheres, ironicamente chamadas de “agapetai” ou “diletas”. Os tratados *Sobre as coabitações suspeitas* e *Como observar a virgindade* fustigam em termos virulentos a hipocrisia de tal conduta. Assim, desde esta época já aparece a característica efusiva do temperamento de João. Isto explica o vigor de suas reações diante de fraquezas que desacreditam o clero e traem seu ideal<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> TUTAS, M. R. *O Sacerdócio...*, p. 10.

<sup>10</sup> WIKIPÉDIA. “João Crisóstomo”. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_Cris%C3%B3stomo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Cris%C3%B3stomo)>. Acesso em 06 de novembro de 2010.

<sup>11</sup> Cf. MALINGREY, A. M. “João Crisóstomo”. In: DI BERARDINO, A. (org). *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 761-763.

No ambiente eclesial dominava um clima de anarquia nas eleições episcopais conforme as informações do tratado *Sobre o Sacerdócio*. O contexto religioso é descrito por Crisóstomo, sobretudo quando apresenta as dificuldades que devem ser enfrentadas durante as eleições aos cargos eclesiásticos, e isso exige a dimensão de uma luta espiritual.

Desejas que te apresente esta luta ainda sob outro aspecto, que também inclui inúmeros perigos? Então vai assistir a alguma das assembleias em que, conforme o costume, se procede às eleições para os cargos eclesiásticos e verás. Quanto maior o número dos eleitores tanto mais as acusações levantadas contra os sacerdotes.<sup>12</sup>

João fala de um clima tenso durante as eleições aos cargos eclesiásticos, em que se percebe que não faltam invejas, divisões e divergências de opiniões: “Os autorizados a votar dividem-se em muitos partidos, podendo-se observar que não existe unanimidade nem entre os presbíteros, nem em relação ao candidato para o episcopado; cada qual persiste em sua opinião, dando seu voto a candidato diferente”.<sup>13</sup> Assim, negligencia-se a coisa mais importante a ser buscada durante as eleições que seria a virtude da alma.

Em vez desta qualidade consideram muitos outros fatores que, conforme eles, deveriam decidir a eleição. Assim, por exemplo, um acha que deveria ser eleito quem fosse de descendência nobre, outro que se deveria preferir quem possuísse grandes riquezas, para, em seu sustento, não depender das receitas da comunidade; um terceiro ainda é de opinião que se deveria eleger alguém que veio do campo adversário. Ou ainda: um prefere um amigo, outro um parente, outro um adulator.<sup>14</sup>

Como critério de discernimento não havia mais a sensibilidade pela vida espiritual do novo candidato: “a pessoa realmente apta, porém, não é nem questionada, porque todos se omitem a considerar apenas as qualidades da alma”.<sup>15</sup>

Ele observa a ausência de um critério básico nas indicações de principais cargos eclesiásticos, e isso gera escolhas incompatíveis com as funções a serem assumidas e desenvolvidas na Igreja, o que significa que as elei-

<sup>12</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 70.

<sup>13</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*, p. 70.

<sup>14</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*, pp. 70-71.

<sup>15</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*, p. 71.

ções acabam sendo realizadas segundo as conveniências dos eleitores, e não levando em consideração a competência dos candidatos.

A *Regra pastoral*<sup>16</sup> de Gregório Magno (540- 604) também oferece um quadro complexo do contexto sociopolítico-cultural e religioso de sua época marcado por inúmeros desafios. As circunstâncias para escrever tal obra eram claras: sociedade desordenada, desagregada, indisciplinada, extremamente pobre, ameaçada pelos bárbaros, além de clérigos ambiciosos por riquezas.

Gregório tinha uma grande preocupação pastoral com a cura das almas. No seu tempo, havia muitos ministros que estavam, demasiadamente, preocupados com as questões seculares e haviam esquecido a essência de sua missão, como pastores e guias espirituais de almas a eles confiadas. Na sua época, a Igreja possuía já uma riqueza material e patrimônio relevante, o que fazia dos seus ministros não apenas consagrados para o culto, mas administradores de muitas posses. Nesse contexto havia muitos que procuravam alcançar o sacerdócio movidos apenas por pretensões ambiciosas de riqueza e poder. Nesse sentido, Gregório, em sua *Regra Pastoral*, comenta que:

Quando um homem posto em condição que exige santidade escandaliza os outros com a palavra e com o exemplo, seria melhor para ele que as suas ações mundanas o tivessem levado à morte, quando ainda vivia em estado laical, antes que as suas funções sacras o tivessem indicado aos outros, ele, pecador, como exemplo a ser imitado. Porque, caindo somente ele, as penas do inferno o atormentariam de modo mais suportável.<sup>17</sup>

A indignidade e a incoerência de vida de muitos clérigos era um desafio na época de Gregório:

Na verdade, ninguém causa maior dano à Igreja do que aquele que, tendo um título e uma posição que comporta santidade, vive uma vida corrupta. Ninguém se atreve a denunciar suas faltas; e a falta se torna um exemplo que se difunde amplamente quando o pecador é reverenciado por causa do respeito devido à sua posição.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> GREGÓRIO MAGNO. *Regra pastoral*. São Paulo: Paulus, 2010.

<sup>17</sup> GREGÓRIO MAGNO. *Regra pastoral*, I.3, pp. 38-39.

<sup>18</sup> GREGÓRIO MAGNO. *Regra pastoral*, p. 38.

O pensamento de São João Crisóstomo e de São Gregório Magno hoje ressoa na Igreja também através das orientações do atual Pontífice, o Papa Francisco: “Compreendemos, portanto, que não se trata de uma posição de prestígio, de um cargo honorífico. O Bispado não é uma honorificência, é um serviço. Jesus quis que fosse assim”.<sup>19</sup>

Ao assumir o pontificado dizia: “assumi a nave envelhecida e fortemente golpeada; de fato, por toda parte entram as ondas e as tábuas apodrecidas por quotidiana e violenta tempestade anunciam o naufrágio” (*Registrum epistolarum* 1, 24).

## 2.2. A *Regra pastoral* de Gregório Magno e *O Sacerdócio* de João Crisóstomo: uma fonte de inspiração para os candidatos à vida presbiteral

O que a Regra de São Bento significou para os monges da Idade Média, a *Regra Pastoral* de Gregório Magno significou para o clero secular.<sup>20</sup> A principal motivação externa da redação da *Regra pastoral* foi a repreensão feita ao próprio Gregório por João, bispo de Ravena, ao ter se esquivado de assumir o ministério episcopal. Dessa maneira, um projeto que já havia sido iniciado antes do seu pontificado sobre o mesmo tema se torna também a resposta ao bispo de Ravena.

A *Regra pastoral*, embora receba este nome, não está ligada a um conjunto de regras fixas, normas ou preceitos a serem estritamente seguidos. Mais especificamente, a terceira parte da obra um pouco do estabelecimento de normas a serem assumidas. A *Regra pastoral* está preocupada muito mais em fazer uma descrição do modo de vida que o pastor precisa assumir para exercer fielmente seu ministério, de modo que o seu ser e o seu agir sejam coerentes.

A obra se divide em quatro partes. A primeira parte trata sobre de que maneira o candidato alcança o *múnus pastoral*; a segunda parte fala da vida do pastor; a terceira apresenta as considerações de como se deve administrar o ofício doutrinal e a quarta parte fala da importância da humildade do pastor de almas na arte da pregação. No início é anexada a carta de Gregório a João de Ravena introduzindo a obra e explicitando sua motivação.

<sup>19</sup> RÁDIO VATICANA. “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: < <http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

<sup>20</sup> Cf. DROBNER, R. H. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 507.

O tratado *Sobre o Sacerdócio* não tem só um valor autobiográfico; ele é também um documento ou “Carta Magna” que define a natureza do sacerdócio cristão e os deveres que dizem respeito ao presbítero e ao bispo. O texto oferece informações relativas ao contexto da época, pois certas ordenações careciam de motivações espirituais da parte dos candidatos.

Pois existe realmente um caminho bem seguro. Para nós, os fracos, consiste em nunca aceitar tal cargo, e, para vós, os fortes, em fazer depender a vossa esperança pela salvação unicamente da graça divina, cujo auxílio vos guardará de nunca praticar ação alguma que seja indigna desta graça e de seu divino doador. Merecem punição mais dura aqueles que pelo empenho pessoal conseguiram o cargo e o administram mal, quer por leviandade, quer por malícia, quer mesmo por inexperiência. Todavia também os que não ambicionam o cargo estarão sujeitos à punição.<sup>21</sup>

Dividido em seis livros, o tratado *Sobre o Sacerdócio* trata da grandeza do sacerdócio. No primeiro livro Crisóstomo defende sua fuga diante da alta dignidade e responsabilidade do ofício; no segundo livro, depois de falar da extraordinária demonstração do amor de Cristo, apresenta as dificuldades e os perigos no *mínus* sacerdotal e episcopal. Nos livros III-VI descreve as responsabilidades e a grandeza do ministério pastoral no exercício da vida presbiteral.

### 2.3. Experiência de vida eremítica

A experiência de vida eremítica e monástica deixou marcas profundas na alma dos dois grandes pastores da Igreja Católica: João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, que representa o mundo oriental, e Gregório Magno, Bispo de Roma, *Servus servorum Dei*, grande Papa do Ocidente.

Ambos têm como ideal a vida dos “anjos” na terra, que é a vida dos monges. A experiência da ascese e a solidão monástica na vida dos dois pastores se tornou o alicerce do edifício espiritual da vida pastoral. Antes de abraçarem o sacerdócio eles já tinham afinado a alma numa vida de comunhão com Deus alcançando o domínio de suas paixões.

Tanto João Crisóstomo como Gregório Magno tiveram uma experiência de vida eremítica e de ascese monástica. Na sua juventude os dois almejavam o ideal de vida contemplativa. Apaixonado pelo ideal dos monges, Crisós-

<sup>21</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 88-89.

tomo, depois de uma experiência de quatro anos sob a orientação de um monge eremita, deu um passo além: “por dois anos dedicou-se à vida eremítica, vivendo numa gruta onde decorou o Novo Testamento”.<sup>22</sup>

Dormia pouco, e somente sentado. Jejuou ao extremo e como exercício mental para não perder suas capacidades intelectuais, decorou os Testamentos de Cristo.

Entretanto, continuando aqui meio escondido, também terei que enfrentá-las (feras enumeradas), mas conseguirei vencê-las com a graça divina, de maneira que a elas não resta outra coisa senão bufar contra mim. Por isso guardo esta casinha, não saindo, nem procurando contatos; acusam-me disso, mas suporto estas acusações com toda a calma. Não quero dizer que não me afetem; às vezes até fico triste, não tendo contato com amigos; convenço-me, porém, de ser-me impossível querer continuar na atual tranquilidade e segurança e procurar, ao mesmo tempo, contato com os outros homens. Por isso, meu caro amigo, eu te imploro, queiras ter compaixão comigo antes de me censurar.<sup>23</sup>

João vive num pequeno quarto inacessível, sem companhia, isolado e considerando-se anti-social. Será esta experiência da vida eremítica o alicerce de sua eloquência e atuação como patriarca da Igreja de Constantinopla e do Oriente Cristão.

Quanto a Gregório, sabe-se que após sua conversão abraçou a vida monástica e transformou a casa paterna em mosteiro. O papa Pelágio II ordenou-o diácono e o enviou a Constantinopla (em 579) como seu apocrisiário, isto é, Núncio Apostólico, onde permaneceu até início de 586, junto com um grupo de monges que levava de Roma, o que lhes permitiu reconstituir no palácio de Gala Placídia a forma de vida monástica que vivia no mosteiro sobre o Célio<sup>24</sup>.

Grande foi o desafio para suas vidas quando receberam a notícia de serem promovidos no cargo episcopal. A princípio ambos tentaram escapar e fugir por eles se sentirem indignos e frágeis diante do peso e da responsabilidade que o cargo exigia.

Do exemplo dos dois grandes pastores percebe-se a importância da ascese monástica, isto é, uma vida permeada de solidão, silêncio, oração e

<sup>22</sup> TUTAS, M. R., *O Sacerdócio...*, p. 39.

<sup>23</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, pp. 129-130.

<sup>24</sup> Cf. RECCHIA, V. “Gregório Magno”. In: DI BERARDINO, A. (org). *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 650-652.

dedicação ao estudo. Esses elementos devem ser considerados como alicerces para uma autêntica formação presbiteral.

Há muitos Padres da Igreja que, antes de receberem o sacerdócio e, posteriormente serem elevados à dignidade de bispos e de papas, passaram pela experiência de vida eremítica ou períodos de retiro em solidão, oração e contemplação como, por exemplo: São João Crisóstomo, São Gregório Magno, São Gregório de Nazianzo, São Basílio Magno... A espiritualidade monástica marcou a alma deles como grandes teólogos e pastores da Igreja e, até hoje permanecem modelos para tantos jovens que aspiram ao sacerdócio. Os elementos contidos nos seus tratados sobre a figura do sacerdote são atuais para qualquer jovem seminarista que queira realizar o próprio itinerário de formação para alcançar o sacerdócio. Um dos elementos que os candidatos à vida presbiteral podem descobrir nas obras dos citados Padres é o carisma da paternidade espiritual, tão necessária para a Igreja de hoje.

Por isso, a *Regra pastoral* de Gregório Magno junto com *De fuga* de Gregório Nazianzeno e o tratado *Sobre o Sacerdócio* de João Crisóstomo formam uma trilogia pastoral. Essa trilogia respira uma espiritualidade permeada pela Palavra da Escritura e o testemunho sapiencial dos Padres da Igreja, que se torna “fonte de água pura” aonde o presbítero de hoje pode encontrar sua inspiração para uma autêntica vivência no seu ministério.

#### 2.4. Fuga diante da dignidade episcopal

Nas obras acima citadas é presente a experiência de “fuga” diante da dignidade e responsabilidade do ministério presbiteral. Para dar uma ideia da cultura e da mentalidade da época, Crisóstomo afirma:

Entretanto, alguém que se ocupa com coisas vãs (trata-se da ciência profana, porque Crisóstomo foi aluno de Libânio), vivendo sem trabalhar seriamente, a este colocam em evidência e o admiram. Por que preterem homens que inúmeras vezes derramaram seu suor pelos interesses da Igreja? Por que, ao invés desses, escolheram a quem nunca se submeteu a tais fadigas, que, pelo contrário, gastou sua juventude em ocupações fúteis com ciências profanas?<sup>25</sup>

<sup>25</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 50.

Durante sua existência essa dúvida acompanhou Crisóstomo. Com as palavras “ocupações fúteis”, o autor faz alusão à formação clássica adquirida.

“Não me fales do jejum, das vigílias, do dormir no chão e de todas as outras mortificações corporais! Pois sabes muito bem como sempre fugi de tudo isso. E mesmo que, nessas coisas, tivesse conseguido a perfeição, nem isso poderia ser-me útil para o cargo devido à minha total inércia espiritual”.<sup>26</sup>

Esse texto parece apresentar uma contradição, mas de fato Crisóstomo irá abordar ao longo do tratado *Sobre o Sacerdócio* os requisitos e as qualidades de alma exigidos para que alguém ingresse no ministério presbiteral. Sua mensagem é direcionada aos presbíteros: às vezes parece falar aos bispos, outras aos sacerdotes. Ele destaca a superioridade do sacerdócio em relação à vida monástica e assim também se posiciona em relação à ascese do presbítero. Ao contrário do monge que leva uma vida de ascese voltada para o alcance da própria salvação, o presbítero atua com a massa dos fiéis e por si mesmo o exercício do ministério é uma forma de ascese que exige uma nobreza de alma para saber lidar com todas as categorias de pessoas.

“Não ouse assumir a responsabilidade do magistério quem não estiver preparado” (RP I,1).<sup>27</sup> Assim começa Gregório a falar das condições a serem consideradas ao assumir o governo das almas. Ele ressalta que trabalhar com as almas “é arte das artes” (RP I,1). Portanto, é fundamental que o presbítero tenha uma excelente formação e um profundo conhecimento da alma humana.

Gregório faz muitas comparações ao falar da competência do presbítero. Uma delas remete à habilidade do médico em aplicar a terapia para às doenças do corpo. Por vocação, o presbítero é chamado a ser médico das almas. Segundo ele, seria uma vergonha se uma pessoa sem o conhecimento da arte médica se passasse por médico. Assim também – observa Gregório – frequentemente acontece que há pessoas que “não conhecendo os ensinamentos do Espírito, não temem de professar-se médico da alma” (RP I,1).<sup>28</sup>

Por isso, o presbítero deverá conhecer a profunda relação que existe entre a dimensão do corpo, da alma e do espírito, de modo que possa identificar as causas das doenças da alma e aplicar os remédios terapêuticos para que a pessoa alcance sua harmonia com Deus e possa ter plena saúde física, mental e espiritual.

<sup>26</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 65.

<sup>27</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, I, 1, p. 35.

<sup>28</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 35.

Para João Crisóstomo e para Gregório Magno o cargo de bispo constituía um grande desafio. A princípio eles tentarão se subtrair, pois se consideraram indignos. Ao tratar dos requisitos e da dignidade dos candidatos, Gregório observa como o espírito de competição movia muitas pessoas a assumirem o ministério pastoral na Igreja, procurando mais as grandezas e as honrarias que o cargo oferecia: “aspiram ser considerados mestres, anelam sobressair sobre os outros” (RP I,1)<sup>29</sup>. Para ele, o ministério de presbítero era considerado um “magistério de humildade” (RP I,1) e quem se aproxima com atitudes de orgulho, dificilmente desempenhará a cura das almas.

Serem lançados no mundo como oradores e guias de almas! Este foi o grande desafio que os dois pastores experimentaram, mas eles souberam agir com sabedoria e indicar aos fiéis o caminho da salvação.

Tanto o tratado *Sobre o Sacerdício* de São João Crisóstomo como a *Regra pastoral* de São Gregório Magno devem ser lidos e interpretados como um guia no exercício do ministério pastoral, isto é “regimen animarum, ars artium” por excelência na qual o exercício do poder que o presbítero recebe tem como objetivo a conversão dos fiéis (metanoia) para uma autêntica vida cristã. Assim, o pastor exercerá seu carisma da paternidade espiritual fazendo nascer Cristo no coração das almas a ele confiadas. Esses escritos indicam o modo de ser e agir dos pastores, dos bispos, e de quantos se dedicam à cura das almas.

### 3. Luzes e inspirações para o ministério pastoral

#### 3.1 Metas e perigos na atuação do presbítero

O capítulo 8 do Livro II da *Regra pastoral* de Gregório Magno merece particular atenção para a atuação do presbítero em relação ao seu rebanho, pois ao mesmo tempo em que apresenta os objetivos a serem considerados pelo pastor das almas, adverte também sobre as tentações que podem sujeitá-lo. Em primeiro lugar exige-se constante vigilância sobre o egoísmo e o amor próprio da parte do presbitério. Pode existir o perigo para o sacerdote, no exercício do seu ministério, que se deixe conduzir pelo desejo de agradar aos homens, assumindo para si mesmo mais bajulações do que fazendo conhecer às pessoas o que agrada e o que não agrada a Deus, isto é, servindo à verdade.

<sup>29</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 35.

Para a compreensão deste perigo, Gregório cita o exemplo de um servo, instigado ao adultério, ao ser encarregado pelo esposo de levar os presentes para a esposa, apaixonou-se por ela. Com isso, o autor quer direcionar o presbítero para se colocar a serviço da verdade e evitar que o amor próprio o torne estranho ao seu Criador. “É inimigo do Salvador o homem que, por causa das suas boas obras, deseja ser amado pela Igreja no seu lugar. Ele é culpado de uma intenção adúltera, como aquele servo que, enviado pelo esposo para levar os presentes para a esposa, arde de prazer à vista dela” (RP II, 8,19)<sup>30</sup>.

Há um perigo na vida do pastor quando se perde de vista a meta da atuação pastoral que é a salvação das almas. A causa das oscilações entre a brandura e o rigor do presbítero encontra-se na paixão da alma, conhecida como egoísmo ou amor próprio.

Quando esse amor próprio se apodera da alma do pastor, ele o arrasta ora a uma brandura desordenada, ora a um áspero rigor. É por amor-próprio, de fato, que o espírito do pastor cede à desordenada brandura quando, mesmo vendo os fiéis fazendo o mal, se permite não repreendê-los para evitar que diminua a simpatia deles para com ele; às vezes chega até mesmo a afagar com adulações algumas culpas que deveria repreender (RP II, 8,19)<sup>31</sup>.

O verdadeiro pastor não pode omitir-se de corrigir com caridade o que na vida dos fiéis ofenda a Deus, pois sua responsabilidade é indicar o caminho da salvação e tirá-los do caminho dos vícios e das paixões. Mas para que isso aconteça, o presbítero necessita de uma extraordinária pureza de alma. Esta pureza constitui uma das metas a serem consideradas por qualquer candidato que assume o ministério pastoral na Igreja.

Contrárias às virtudes que devem caracterizar a personalidade do presbítero, colocam-se a inveja e a ambição, temas que retornam tanto no pensamento de Crisóstomo como no de Gregório Magno. Ambos observam que os critérios inspiradores para a eleição são vários e visam mais aos interesses do que às virtudes da alma.

Pois não só a inveja, mas – o que é ainda pior – ambição por esta dignidade, costuma fornecer armas a muitos contra quem a ocupa. E assim, como para a cobiça dos filhos, a idade avançada dos pais se torna um fardo pesado, acontece a muitos deles. Vendo que alguém ocupa por muito tempo a dignidade sacerdotal – não se conseguindo removê-lo sem assassinato

<sup>30</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 91.

<sup>31</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 90.

– empregam todos os meios possíveis para destituí-lo do cargo. Todos aspiram ocupar-lhe o lugar, esperando cada um a sua vez.<sup>32</sup>

A luta para alcançar o poder do episcopado apresenta a realidade triste do contexto eclesial. Não só no caso das eleições ao cargo episcopal, mas também no sentido de promover ao sacerdócio. Havia a necessidade de se exigir uma reavaliação dos critérios a serem aplicados. Crisóstomo fala de razões ainda mais absurdas. “Uns são aceitos entre o clero a fim de não debandarem para o lado do adversário, por causa de seu mau caráter, a fim de não causarem prejuízos, caso fossem preteridos. Porventura pode existir algo mais absurdo do que tal atitude?”<sup>33</sup>

Tudo isso provoca a ira divina e traz como consequências as desgraças para a Igreja de Jesus Cristo. Ele reforça seu pensamento com o texto: “Ainda podemos perguntar pelos motivos da ira divina quando entregamos cargos santos, dignos de respeito e temor, a homens infames que só os desonram e aniquilam?”<sup>34</sup> Entregando cargos de responsabilidade a pessoas indignas e incapazes de administrá-los, consegue-se colocar a Igreja em situação lastimável e passível de críticas por parte dos adversários.

O que tornaria uma pessoa indigna e inapta a assumir o ministério e desempenhar um cargo na Igreja? Gregório Magno adverte que na medida em que os candidatos chegarem a assumir o cargo por orgulho, eles “serão incapazes de desempenhar dignamente o ministério da cura pastoral” (RP I,1).

A ambição é vista por Crisóstomo como uma “fera perigosa e feroz”.<sup>35</sup> O que deveria motivar um candidato a buscar o sacerdócio seria o amor a Jesus Cristo assim como o desejo de apascentar as ovelhas a ele confiadas. O candidato “deve excluir por completo qualquer ambição por esse cargo”.<sup>36</sup>

No seu tratado *Sobre o Sacerdócio*, Crisóstomo menciona como alguns “só para conseguir o cargo de chefe da Igreja, cometeram até assassínios dentro das comunidades e devastaram cidades inteiras. Não quero mencioná-los para não parecer contar coisas incríveis. Na minha opinião todos deveriam ter tal respeito perante posição tão elevada que sua primeira atitude deveria ser procurar eximir-se dela”.<sup>37</sup>

<sup>32</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 70.

<sup>33</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, pp. 71-72.

<sup>34</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 72.

<sup>35</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 64.

<sup>36</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 63.

<sup>37</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 63.

Ambicionar o cargo por causa de sua reputação e seu poder presente na época de Crisóstomo e de Gregório é uma preocupação que o atual Pontífice vem mostrando nos seus discursos:

Conscientes de ter sido escolhidos entre os homens e constituídos a seu favor para atender as coisas de Deus, cumpra com alegria e caridade sincera a obra sacerdotal de Cristo, com a única intenção de agradar a Deus, e não a vós mesmos. É negativo quando um sacerdote vive para agradar a si mesmo e se pavoneia!<sup>38</sup>

O caráter irascível de um candidato torna-o indigno para assumir o cargo, sendo uma desgraça tanto para ele como para toda a comunidade. Um sacerdote que apresenta o caráter irascível “levará sua comunidade inexoravelmente para a desgraça”.<sup>39</sup>

Muitas vezes, Crisóstomo fala de atitudes que provocam a ira de Deus e seu tratado deixa entender que havia casos de certas práticas que exigissem deposição.

Uma vez assumida a função, porém, não deveriam aguardar o julgamento dos outros no caso de práticas que exigissem deposição, mas, de livre e espontânea vontade, deveriam abandoná-la. Neste caso, pelo menos da parte de Deus, poderiam esperar o perdão. Prendendo-se, porém, inconvenientemente ao cargo, privam-se de toda benevolência e provocam a ira de Deus, acrescentando ao primeiro (aceitando o cargo) um erro ainda mais grave.<sup>40</sup>

Contudo, a triste realidade era o apego aos cargos. “Os que hesitam e tremem perante a possibilidade de serem destituídos do cargo cairão numa escravidão amarga, de consequências funestas, sendo obrigados, muitas vezes, a ofender a Deus e aos homens”.<sup>41</sup>

Como exemplo, Crisóstomo ilustra seu pensamento chamando a atenção para um fenômeno da natureza, o estreito marítimo Euripo (Ευριπος), localizado entre as ilhas de Eubeia e Ática, afamado e temido por suas correntes

<sup>38</sup> PAPA FRANCISCO. “Uma escolha arriscada”. *L’Osservatore Romano*, Roma, pp. 8-9, 30 de Abril de 2015.

<sup>39</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 66.

<sup>40</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 63.

<sup>41</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 64.

perigosas, que a cada 24 horas mudam sete vezes sua direção. Segundo Platão, o estreito Euripo é símbolo de algo instável.

### 3.2. O mundanismo dentro da Igreja

A mentalidade mundana consegue penetrar na estrutura eclesial quando procura interferir nas eleições aos cargos, dando valores que não correspondem à vontade divina. É interessante essa observação de Crisóstomo, visto que ainda acontecem esses comportamentos em nossos dias, sem que para isso apresentem um perfil competente para tal exercício.

Há algum tempo eu escarneia dos poderes públicos, dizendo que distribuía seus cargos não baseados na capacidade, mas orientando-se pelas posses materiais, pela idade e por recomendações. Depois de ter verificado que esses métodos conseguiriam infiltrar-se também em nossas atividades (na Igreja), nem mais me admiro. Porventura, é de se admirar vendo que homens profanos, ambiciosos da benevolência das massas, fazendo tudo por dinheiro, não procedam de maneira diferente dos homens que querem parecer perfeitos e livres de todas essas motivações? Quando se trata de promover coisas celestes procedem da mesma maneira como quando tratam de uma nesga de terra ou outra coisa semelhante! Sem mais nem menos tiram homens do meio da grande massa, colocam-nos à frente de coisas tão respeitáveis.<sup>42</sup>

Quanto à atualidade deste “grito” de Crisóstomo, pode-se compreender pela seguinte reflexão, quando se refere à perfídia com a qual se recebe o sacerdócio: “Homens infames, dotados de toda espécie de maldade, são premiados por motivos pelos quais mereceriam ser punidos, e por razões que deveriam impedi-los até de passar à soleira da igreja, chegam até a dignidade do sacerdócio!”<sup>43</sup>

Nos seus discursos, o atual Pontífice Papa Francisco também advertiu sobre o mundanismo na Igreja: “Não deve haver lugar na Igreja para a mentalidade mundana, para a ‘carreira eclesiástica’”<sup>44</sup>.

Na primeira parte da *Regra pastoral*, Gregório Magno fala das condições para assumir o mais alto grau do ministério pastoral. Ele faz uma série de

<sup>42</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 72.

<sup>43</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 72.

<sup>44</sup> RÁDIO VATICANA. “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: < <http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra> >. Acesso em 05 de novembro de 2014.

demonstrações de como deve, e como não deve, ser o candidato ao ministério de pastor das almas. Com muita intrepidez, elucida grande variedade de práticas que tornam inviável o ingresso no ministério sacerdotal. Já nas primeiras linhas, deixa claro que “ninguém ouse assumir a responsabilidade do magistério, se não estiver preparado” (RP I,1)<sup>45</sup>. Segundo ele, ninguém pode presumir uma arte senão depois de tê-la aprendido por meio de um estudo atento e meditado.

Com essa afirmação Gregório destaca a importância da cura das almas e alerta para o perigo da ambição indicando que “não são poucos aqueles que, dentro da Igreja, aspiram à glória das honrarias com o pretexto do ministério pastoral” (RP I,1)<sup>46</sup>.

Estes não são motivados pelo zelo ou pelo amor a Cristo, à Igreja ou ao povo de Deus, mas unicamente pela sua própria cobiça; não são chamados por vocação divina, mas pela ambição humana. Numa leitura alegórica ele relaciona tais pastores com os usurpadores que ignoram as palavras de Jesus: “Afastai-vos de mim, operadores de iniquidades; eu não vos conheço” (Lc 13, 27).

### 3.3 Os absurdos nas eleições

Há também coisas absurdas que podem acontecer dentro da Igreja por causa das eleições de pessoas incompetentes aos cargos eclesiásticos. Crisóstomo e Gregório são muito criteriosos na escolha dos candidatos e não se cansam se insistir sobre a importância da competência e da coerência de vida do presbítero com o seu desempenho em favor da comunidade.

Se uns foram promovidos como presbíteros sem passar pela prova ou se durante o processo confessaram culpas e, mesmo a confissão deles, contra a disposição eclesiástica, receberam a imposição das mãos, a regra eclesiástica não os admite ao clero; a Igreja católica, de fato, pretende ser irrepreensível.<sup>47</sup>

O descuidado em relação aos requisitos exigidos ao candidato para assumir o ministério sacerdotal terá repercussões sobre a vida da Igreja e poderá levar à dilaceração do Corpo místico de Jesus Cristo, assim como a existência mística da Igreja. Crisóstomo afirma:

<sup>45</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 35.

<sup>46</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 35.

<sup>47</sup> *Canoni do Concilio di Nicea (325)*. In: *I canoni dei concili della Chiesa antica*, a cura di Angelo Di BERNARDINO, p. 25.

Não só elegem homens indignos, mas excluem a todos os que seriam capazes [...] De fato é minha opinião ser igualmente desastroso, tanto excluir os homens aptos quanto aceitar os inaptos.

Tudo isso acontece de modo que o rebanho de Cristo não pode achar segurança para respirar tranquilamente. Porventura tal procedimento não mereceria um inferno ainda mais terrífico do que o ameaçado? E mesmo assim, Aquele que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva [Ez 18,23; 33,11], aceita e suporta tamanha monstruosidade! Como é admirável Sua bondade para com os homens! Como é incomensurável Sua misericórdia!

Não podem nos deixar insensíveis as nefastas realidades que os próprios seguidores de Cristo dilaceram o Corpo de Cristo de maneira mais cruel do que os inimigos e adversários! E mesmo assim, Deus ainda mostra Sua bondade, convidando-nos à penitência [...]. Homens tirados de sua baixaza, e, em Teu nome elevados à honra e dignidade, abusam delas indo contra quem lhas concedeu, e ousam violar o santuário, afastando homens dignos e admitindo indignos que conseguem criar as maiores confusões.<sup>48</sup>

Gregório Magno também faz severas admoestações contra a incoerência daqueles que “aprofundam, com muita atenção, os ensinamentos do Espírito, mas depois o pisoteiam” (RP I,2).<sup>49</sup> Trata-se dos que fazem belas pregações, mas que são incapazes de, na sua vida cotidiana, pôr em prática o que ensinam. Tal atitude é de grande prejuízo para as almas, pois estas imitam mais aquilo que observam do que aquilo que escutam.

Por meio dos seus tratados, tanto João Crisóstomo, quanto Gregório Magno, deixam claro que as confusões dentro da Igreja são fruto de escolhas mal feitas e não de acordo com o agrado de Deus. As causas desta situação desastrosa não é outra senão a inveja, mesmo que não se apresente sempre da mesma forma.

Para Gregório “ninguém causa maior dano à Igreja do que aquele que, tendo um título e uma posição que comportam santidade, vive uma vida corrupta” (RP I,2).<sup>50</sup>

Um, assim dizem, deve ser excluído por ser muito jovem, outro para não saber adular; este porque ofendeu alguém, aquele outro para que não

<sup>48</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 73.

<sup>49</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 37.

<sup>50</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 38.

aconteça que alguém se sinta ofendido por não ter sido eleito seu favorito; este por ser mais bondoso e compreensivo; ainda outro porque afugenta os pecadores, ou por outro motivo semelhante. É muito fácil achar pretextos. Até o grande número dos que ocupam um cargo eclesiástico torna-se pretexto, caso não achem outro. Ouve-se afirmar ainda que ninguém deve ser elevado a tal dignidade de repente, mas com vagar e gradativamente. Assim inventam inúmeras razões, tantas quantas quiserem.<sup>51</sup>

Dentro deste contexto Crisóstomo convida os candidatos a refletirem sobre as intenções e as atitudes que os motivam a aceitar tal cargo. Ele destaca a função de quem deveria se responsabilizar para a solução dos problemas, pois isso leva a existência de uma anarquia eclesiástica, visto o despreparo de quem recebe a missão sem realmente a merecer.

O que deverá fazer o bispo na luta contra tal anarquia? Como é que poderá ficar firme no meio de vagalhões tão violentos? Como é que deverá enfrentar todos estes ataques? Caso proceda com senso justo, por ocasião das eleições, todos se levantarão contra ele e os eleitos como inimigos e adversários, causando, por suas intrigas, toda espécie de males. Dia após dia inventam algum motivo para perseguirem os eleitos, entregando-os ao escárnio, até que consigam afastá-los e colocar em seu lugar os próprios favoritos.<sup>52</sup>

“É triste”, afirma o Papa Francisco “quando se vê um homem que busca este cargo para chegar ‘lá’; e quando conquista o que quer, vive somente para a sua vaidade”.<sup>53</sup>

Crisóstomo faz nesse ponto uma belíssima comparação inspirada na hierarquia que existe entre os marítimos e o cuidado do responsável pela embarcação que lhe foi determinada. Aqui acontece algo semelhante como ao comandante do navio com piratas a bordo, que continuamente representam perigo de vida para ele, para a tripulação e os passageiros.

Nesse caso, o comandante tem que ter consciência de sua posição como chefe e pensar primeiramente nos que estão sob sua guarda. Se essa consciência não existir, vai ocorrer que, para se ver livre do problema, ele provavelmente abandonará o navio, deixando as demais pessoas ao sabor do destino.

<sup>51</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 73-74.

<sup>52</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 74.

<sup>53</sup> RÁDIO VATICANA. “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: < <http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra> >. Acesso em 05 de novembro de 2014.



Caso semelhante pode ocorrer se o candidato eleito também não tiver consciência da sua responsabilidade. O bispo que tiver mais consideração consigo agirá da mesma maneira que o comandante do navio, visando sua própria salvação. Esses homens de maneira alguma devem ser aceitos para cargos de liderança. E se isso ocorrer, tornar-se-ão adversários de Deus.<sup>54</sup>

Percebe-se como a tentação é muito sutil e perigosa, como o instinto da sobrevivência.

Pode haver maior mal do que este? E, com relação aos eleitos, perderá sua autoridade, uma vez que estes, unindo-se, ganham força contra ele. E assim, como ventos contrários, unindo-se, revoltam o mar, pondo os navegantes a soçobrar, assim também a Igreja, tendo muitos homens perigosos unidos, dentro de sua segurança e tranquilidade, será sacudida por tempestades, sofrendo inúmeros naufrágios.<sup>55</sup>

Nesse ponto os que não forem preparados para o cargo abandonarão a função que lhes cabe. As consequências não tardam em desabrochar em mais variados escândalos, abalando, assim, a Igreja de Jesus Cristo. Por isso, deve-se exigir um alto grau de sabedoria, formação e discernimento para que uma pessoa possa ser eleita às funções eclesiais.<sup>56</sup>

Segundo Crisóstomo, ao bispo cabe a maior responsabilidade, pois ele deve empregar toda a sua autoridade em promover ao sacerdócio e colocar nos cargos só quem for apto, mesmo que todos discordem; deve empregar essa mesma autoridade para afastar com energia a quem não for apto, mesmo que todos estejam a favor do mesmo. Somente um deve ser o fim de todas as suas atividades: “promover a edificação de sua comunidade sem inimizade ou bajulação”.<sup>57</sup>

Na pessoa do Bispo, chamado a servir e não a ser servido, o próprio Cristo se faz presente e continua a cuidar da Igreja. O atual Pontífice Papa Francisco observa que os santos bispos “nos mostram que este ministério não se busca, não se pede, não se compra, mas se acolhe em obediência, não para elevar-se, mas para abaixar-se, como Jesus, que ‘humilhou a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte’”.<sup>58</sup>

<sup>54</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 74.

<sup>55</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 74.

<sup>56</sup> Cf. JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 71.

<sup>57</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p.74.

<sup>58</sup> RÁDIO VATICANA. “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: < <http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

### 3.4. Requisitos do pastor das almas

No seu tratado *Sobre o Sacerdócio*, Crisóstomo insiste sobre as qualidades espirituais do candidato ao sacerdócio. Entre elas, a alma do sacerdote “deve ser mais pura do que os raios do sol e deve irradiar beleza espiritual ao redor”.<sup>59</sup>

Inspirando-se nos escritos paulinos, Crisóstomo apresenta uma série de requisitos pessoais e morais como critérios para a admissão à ordenação do novo candidato ao ministério da ordem. No momento em que o bispo eleger um candidato, deve analisá-lo rigorosamente, mas essa análise deverá ser ainda mais rigorosa partindo do próprio candidato:

Quem, pois, quiser impor as mãos a alguém, antes deverá proceder a um exame rigoroso do mesmo; um autoexame, porém, muito mais rigoroso deverá fazer aquele a quem se quer impor as mãos. Pois, mesmo que todos os eleitores sejam corresponsáveis, isto não libertará o eleito do castigo; ao contrário, ele sofrerá punição ainda mais grave, a não ser que os eleitores tenham agido de manifesta má fé. Se os eleitores forem apanhados por terem escolhido conscientemente o mais indigno, ambos (eleitores e eleito) cairão em punição igual.<sup>60</sup>

Gregório Magno observa ainda que há pessoas que, possuindo potencialidades de servir ao reino, preferem ignorar o chamado de Deus buscando a própria tranquilidade pessoal, “pensando nos próprios interesses, e não nos dos outros, acabam perdendo justamente aqueles dons que desejavam conservar somente para si” (RP I, 5).<sup>61</sup> Ele faz uma interpretação alegórica do Dt 25,5 mostrando que o ministério pastoral é sinal de amor a Jesus Cristo que entregou o mandato aos seus discípulos: “Ide, anunciai aos meus irmãos” (Mt 28,10). Portanto, é conveniente que o cuidado pela santa Igreja seja colocado sobre os ombros daquele com maior capacidade de governo (cf. RP I,6). “Aquele que, ao contrário, pensa no seu próprio benefício e descuida do seu próximo, é como se perdesse a sandália de um pé, caindo no ridículo” (RP I,5).<sup>62</sup>

Há outros ainda que, por humildade, rejeitam o chamado divino, consideram-se inferiores para assumir tal ministério, contudo “não é verdadeira-

<sup>59</sup> TUTAS, M. R. *O Sacerdócio...*, p. 93.

<sup>60</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 90.

<sup>61</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 43.

<sup>62</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 45.

mente humilde aquele que compreende que, por um designio divino, deve assumir o encargo de presidência e que, todavia, o despreza” (RP I,6).<sup>63</sup>

Alguns ainda desejam ardentemente servir ao Senhor, outros, no entanto, não o desejam, mas mesmo sendo obrigados, merecem igual louvor, pois o ministério da pregação se manifesta em ambos. Para fundamentar esta afirmação, Gregório lembra a vocação de profetas: “Isaiás se ofereceu espontaneamente ao Senhor, que procurava quem enviaria, dizendo: *Eis-me aqui, manda-me*. Jeremias, ao contrário, foi enviado e, não obstante, resistiu humildemente, dizendo: *Ah! Senhor Deus, eis que não sei falar*” (RP I,7).<sup>64</sup>

Segundo Gregório, quem verdadeiramente deve assumir o governo das almas é “aquele que, morrendo a todas as paixões da carne, vive espiritualmente, que desdenhou as vantagens deste mundo, que não teme adversidade alguma e que deseja somente os bens interiores” (RP I,10).<sup>65</sup>

Ao contrário, jamais deve procurar o ministério quem “em si mesmo reina ainda o vício que o condena; se uma pesada culpa pessoal o desfigura, que não procure se tornar intercessor pelas culpas alheias” (RP I,11)<sup>66</sup>. Utilizando-se da passagem de Moisés (Lv 21, 17), Gregório faz uma interpretação alegórica das imagens do cego, do coxo, do corcunda etc., evidenciando que aquele que ainda se encontra desfigurado pelos próprios pecados não pode cancelar os alheios.

Pensamento parecido encontra-se no *Sacerdócio* de João Crisóstomo: ninguém poderá manter o Corpo místico de Cristo puro e imaculado a não ser que consiga “entender extraordinariamente e, além do normal, do tratamento adequado das almas”, isto é, conhecer as leis da vida espiritual. Portanto, a superioridade do sacerdócio é que o presbítero assuma a responsabilidade que consiste num trabalho delicado e atencioso com as almas, a começar pela sua. Ao falar do exercício de governo das almas na Igreja, ele usa a palavra “arte, habilidade” (gr. *τεχνη*) que aparece 14 vezes no seu tratado.

Este é um dos motivos pelo qual o candidato não pode ser constrangido em assumir o ministério e deve se sentir livre de não aceitar tal responsabilidade se não se sentir apto para função. Donde a preocupação de Crisóstomo em explicar sua recusa a todos, principalmente a seu amigo Basílio.

<sup>63</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 46.

<sup>64</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 46.

<sup>65</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, pp. 51-52.

<sup>66</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Regra pastoral*, p. 53.

Pois quem com ambição pelo cargo confessa considerar-se apto, uma vez nele instalado, jamais poderá desculpar seus erros alegando inexperiência. Pelo fato de ter corrido ao seu encaço, cortou qualquer defesa para si mesmo, e, tendo-o usurpado premeditada e voluntariamente, jamais poderá apresentar desculpa dizendo: “foi sem a minha vontade que causei a perda deste ou daquele”. O Juiz a quem tiver que prestar contas responder-lhe-á: “Por que então, conhecendo tua inexperiência e incapacidade para exercer o cargo, correste tão avidamente ao seu encaço (tiveste tanta pressa)? Por que tiveste a ousadia de aceitar um cargo que supera todas as tuas capacidades? Quem te obrigou a isto? Quem te forçou, quando quiseste eximir-te?”<sup>67</sup>

### 3.5. O ministério pastoral: uma prova de amor a Cristo

Para assumir posturas pastorais renovadas e sedimentadas nos valores evangélicos, Crisóstomo encontra a motivação inspiradora no diálogo de Pedro com Jesus quando lhe confia a cura das almas. Por três vezes Pedro é perguntado por Jesus se o ama. A instituição do ministério pastoral confiado ao presbítero fundamenta-se no ministério que o próprio Cristo confiou a Pedro: “Apascenta minhas ovelhas” (Jo 21,15-17).

Pode haver vantagem maior do que ser posto numa atividade que o próprio Cristo declarou prova de amor por Ele? – Pois são suas as palavras dirigidas ao Príncipe dos Apóstolos: “Pedro, amas-me? – e depois da afirmação deste, acrescenta: Se me amas, apascenta os meus cordeirinhos”. Aqui o Mestre pergunta ao discípulo “amas-me?”, não para ser ensinado; pois, como seria isto possível para quem perscruta todos os corações? Pergunta para demonstrar quanto o preocupa o pastoreio de seus rebanhos<sup>68</sup>.

Tanto quanto um candidato ao sacerdócio considerar e analisar, se orientar e seguir todos os parâmetros indicados pelos princípios abordados por João Crisóstomo e Gregório Magno para a conduta verdadeira da Igreja de Jesus Cristo, tão grande e belo sacerdote ele será!

Entre os requisitos do pastor das almas, além da pureza, que deve irradiar beleza espiritual ao redor, o discernimento espiritual também é um critério essencial para que um candidato possa receber o sacerdócio.

<sup>67</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 84.

<sup>68</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 38.

Este deve sempre refletir e examinar a própria consciência com espírito de discernimento para que não seja levado a assumir o ministério movido pela ambição. De maneira especial ele deverá desprezar as honras mundanas e se revestir de sabedoria e condescendência, por isso deverá apresentar-se “não só puro, mas com elevado grau de inteligência e vasta experiência de vida”.<sup>69</sup> Segundo Crisóstomo não é suficiente só uma vida virtuosa ou piedosa, mas exige-se uma formação acadêmica específica do ponto de vista psicológico, espiritual, teológico e administrativo.

João Crisóstomo ressalta a grandeza do sacerdócio em dois grandes momentos: a celebração eucarística e a administração dos sacramentos, sobretudo a reconciliação penitencial. É durante a celebração eucarística que se realiza a sublime comunhão entre céu e terra, da qual participam, não somente os fiéis, mas também as presenças invisíveis das potências angélicas: os próprios anjos estão ao redor do sacerdote.

Embora seja exercido na terra, o sacerdócio possui um caráter de instituição celeste. Isso é manifestado não somente na celebração eucarística, mas também no ministério da reconciliação, quando o sacerdote, em nome da Igreja, corpo de Cristo, desenvolve a função de mediador entre Deus e a humanidade. Administrando o sacramento da reconciliação, ele é investido do poder divino, não confiado a nenhum anjo ou mesmo arcanjo.<sup>70</sup>

Todavia, a beleza da alma do presbítero resplandece no cultivo do carisma da paternidade espiritual. Os sacerdotes são a causa do renascimento espiritual de todos os batizados que se tornam filhos de Deus. A eles foi entregue não somente a geração espiritual, mas também a cura das almas, por eles serem médicos de almas por excelência (cf. Tg. 5, 14-15). Essa responsabilidade exige do presbítero um alto grau de vida espiritual que supera a todos pelos quais ele é mediador e intercessor.

Por fim, tanto para Gregório, como para Crisóstomo, toda a força do presbítero está na arte da pregação, isto é, no dom da palavra proclamada com competência e persuasão. Nesse ponto Gregório faz uma apresentação da grande diversidade requerida na pregação.

<sup>69</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 119.

<sup>70</sup> Cf. TUTAS, M. R., *O Sacerdócio...*, p. 123.

## Conclusão

Por meio da pesquisa procurou-se apresentar um estudo comparativo do pensamento dos dois Padres da Igreja, um do Oriente e outro do Ocidente: São João Crisóstomo e São Gregório Magno. Ambos se destacaram como excelentes pastores, em contextos diferentes, determinando os rumos do cristianismo em épocas de grandes desafios e profundas transformações para a Igreja.

Os dois foram atentos aos sinais dos tempos e entenderam o quanto é importante a figura do presbítero e sua missão dentro da sociedade. Sem a pretensão de ter esgotado a exposição do pensamento patrístico tentou-se apresentar alguns princípios a serem levados em consideração no itinerário de formação para a vida presbiteral.

Descobrir a riqueza do pensamento dos dois tratados como a *Regra Pastoral* de Gregório Magno e *O Sacerdócio* de João Crisóstomo pode enriquecer e iluminar o processo formativo de muitos candidatos ao ministério e, ao mesmo tempo, fornecer novas luzes na atuação do ministério pastoral na Igreja, hoje. À pergunta se o benefício seria maior para o processo seletivo ou formativo, poderia se dizer que ela é benéfica para ambos os momentos. A contribuição de Crisóstomo representa o pensamento da Igreja Oriental, enquanto que o de Gregório ilustra a riqueza da Igreja Ocidental.

Apesar do esforço do povo cristão de se manter fiel à Igreja de Cristo, não são poucos os desafios dos pastores para realização de sua função na comunidade trabalhando com dedicação para preservar a unidade da confissão da fé e a conservação dos valores morais e religiosos.

Hoje, como sempre, a beleza da vida pastoral na Igreja se expressa através da profunda comunhão de vida com Cristo, dos Bispos espalhados pelo mundo inteiro que, apesar de exercer o seu ministério em países, culturas e tradições diferentes e distantes entre si, sentem-se atuar em sintonia e se tornam expressão do elo íntimo, em Cristo, entre suas comunidades. Uma Igreja saudável só pode existir se os fiéis, os diáconos e os presbíteros estiverem unidos com o Bispo.<sup>71</sup>

Os desafios hoje são grandes! Numa das homilias, um sacerdote dizia: “Tenho medo de uma Igreja acomodada que concorda com a elite. Ser cristão

<sup>71</sup> Cf. RÁDIO VATICANA, “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: < <http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

é tomar posição dos mais fracos. A Igreja que não se posiciona em favor dos mais fracos não é a Igreja de Jesus Cristo”.<sup>72</sup>

Na pesquisa realizada percebe-se que João Crisóstomo e Gregório Magno tiveram um conhecimento profundo das realidades da vida espiritual. Esta é a missão essencial do presbítero: tirar as almas do caminho dos vícios e orientá-las para uma vivência autêntica dos valores cristãos. Toda a força do presbítero está na sua eloquência manifestada pela arte da pregação. “Ser Bispo é serviço e não uma honra”<sup>73</sup>, dizia o Papa Francisco.

Por fim, Crisóstomo e Gregório Magno, ao ressaltar a responsabilidade da missão do presbítero afirmam que o sacerdote deverá prestar contas a Deus das almas que lhe foram confiadas e se acontecer de perder alguma delas pagará com a própria alma. Grande é a responsabilidade do presbítero! É um grande mistério!

### Referências Bibliográficas

*Canoni do Concilio di Nicea (325)*. In: *I canoni dei concili della Chiesa antica*, a cura di Angelo DI BERARDINO. SEA 95, Roma, 2006, pp. 18-36.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *O estudo dos padres da Igreja na formação sacerdotal*. DP 234, Petrópolis: Vozes, 1990.

DROBNER, R. H. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GREGÓRIO MAGNO. *Regra pastoral*. São Paulo: Paulus, 2010.

JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*. Petrópolis: Vozes, 1979.

MALINGREY, A.M. “João Crisóstomo”. In: DI BERARDINO, A. (org). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTA TERESA DE JESUS. *Obras Completas*. Texto estabelecido por Fr. Tomás Alvarez, ocd. São Paulo: Loyola / Carmelitanas, 2002.

RECCHIA, V. “Gregório Magno”. In: DI BERARDINO, A. (org). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

<sup>72</sup> RÁDIO VATICANA. “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: < <http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

<sup>73</sup> RÁDIO VATICANA, “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: < <http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

TUTAS, M. R. *O Sacerdício de São João Crisóstomo – Uma luz para a vida presbiteral*. Belém: Paka-Tatu, 2014.

WIKIPÉDIA, “João Crisóstomo”. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_Cris%C3%B3stomo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Cris%C3%B3stomo)>. Acesso em 06 de novembro de 2010.

RÁDIO VATICANA, “Ser Bispo é serviço, e não uma honra”. Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/audiencia-ser-bispo-e-servico-e-nao-uma-honra>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

***Maria Rodica Tutas (Irmã Angela)***

Doutora em Ciências Eclesiásticas Orientais pelo PIO-Roma (2010)

Professora no IRFP da CNBB Norte 2

Belém / PA – Brasil

e-mail: [angelatutas@yahoo.com.br](mailto:angelatutas@yahoo.com.br)

Recebido em: 05/01/15

Aprovado em: 21/07/15